

ESTRANGEIRIZAÇÃO E DOMESTICAÇÃO: INDO ALÉM DE MAIS UMA DICOTOMIA



REGINALDO FRANCISCO

Resumo: O teórico e crítico de tradução francês Antoine Berman afirma que as traduções literárias em suas formas tradicionais e dominantes representam um ato culturalmente etnocêntrico, isto é, que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, buscando fazer com que se esqueça que se trata de uma tradução. Para se opor a essa prática dominante, o autor propõe uma tradução que não esconda o elemento estrangeiro na obra traduzida, e que para isso seja fiel à “letra” (*lettre*) do original. Uma oposição similar a essa também é muito conhecida nos termos utilizados pelo teórico norte-americano Lawrence Venuti, que fala em “domesticação” (*domestication*) e “estrangeirização” (*foreignization*) para se referir respectivamente às práticas tradutórias que ocultam as diferenças culturais, adaptando tudo à cultura de chegada, e àquelas que mantêm a estranheza do texto original e da cultura de partida. Interpretações mais radicais das ideias desses autores podem levar a pensar a tradução como dividida nessas duas possibilidades, e muitas vezes à escolha de uma delas como ideal e a outra como condenável. Entretanto, assim como com dicotomias mais antigas (literal x livre, equivalência formal x equivalência dinâmica, etc.), também essas não são duas categorias estanques, podendo haver diferentes combinações de ambas na tradução de um mesmo texto, além de estratégias híbridas ou soluções que não representam nem uma nem outra posição. Neste trabalho discuto a problematização dessa dicotomia, incluindo exemplos de minha tradução do italiano para o português do livro infantojuvenil *O diário de Gian Burrasca*, de Luigi Bertelli (Vamba).

Palavras-chave: estrangeirização; domesticação; dicotomia.

Abstract: French translation theorist and critic Antoine Berman states that in their traditional and dominant forms literary translations represent a culturally ethnocentric act, which adapts everything to its own culture, standards and values, seeking to make readers forget that they are reading a translation. To oppose this dominant practice, the author suggests a kind of translation that would not hide the foreign element in the translated work, one that is faithful to the “letter” (*lettre*) of the original text. A similar opposition to that / to Berman’s is also well-known through the terms “domestication” and “foreignization” as defined by American theorist Lawrence Venuti, who uses them to refer to translation practices that on one hand conceal cultural differences, adapting everything to the target culture, and on the other keep the strangeness of both source text and culture in the translation. Radical interpretations of these authors’ ideas may lead to the misconception that translation is divided into those two possibilities, and often to the judgement that one of them is ideal and the other condemnable. Nevertheless, as with other older dichotomies (literal vs. free translation, formal vs. dynamic equivalence, etc.), these are not clearly distinguishable and opposed categories. There may be different combinations of them in the translation of a text, as well as hybrid strategies or solutions that do not represent either one of them. In this paper I discuss the problems of such dichotomy, drawing examples from my translation of Luigi Bertelli’s book *Il giornalino di Gian Burrasca* from Italian to Portuguese.

Keywords: foreignization; domestication; dichotomy.

Nos textos sobre tradução, desde os mais antigos de que se tem registro até aqueles que representam os mais atuais desenvolvimentos dos Estudos da Tradução, é muito comum o surgimento / a presença de dicotomias: *uerbum e uerbo vs sensum exprimere de sensu*, tradução literal vs tradução livre, equivalência formal x equivalência dinâmica, entre outras. Essa tendência não é uma característica exclusiva da área; nos mais diversos contextos, o ser humano sente uma forte necessidade de dividir sua concepção da realidade em categorias opostas: bem vs mal, Deus vs Diabo, mocinho x vilão, polícia x bandido... O mundo ao nosso redor parece menos complicado quando dividido em categorias opostas e excludentes. Quase sempre, essa divisão também inclui a atribuição de uma carga positiva a um dos elementos e negativa ao outro.

Mais recentemente, muitos trabalhos na área dos Estudos da Tradução têm girado em torno de uma nova oposição: entre uma tradução “etnocêntrica” e uma tradução da “letra”, segundo a reflexão de Antoine Berman, ou, nos termos propostos por Lawrence Venuti, entre “domesticação” (*domestication*) e “estrangeirização” (*foreignization*).

Neste trabalho, abordo a insuficiência dessa dicotomia para dar conta do fenômeno tradutório, considerando toda a complexidade envolvida em cada situação de tradução, o que impossibilita que se seja apenas estrangeirizante ou apenas domesticador, para usar os termos de Venuti. Para ilustrar como estrangeirização e domesticação não são categorias estanques, podendo haver diferentes combinações de ambas na tradução de um mesmo texto, além de estratégias que combinam elementos de ambas, ou que não representam nem uma nem outra posição, comento exemplos de um projeto tradutório real: minha tradução do italiano para o português do livro infantojuvenil *O diário de Gian Burrasca*, de Luigi Bertelli (Vamba).

Reflexões

O teórico e crítico de tradução francês Antoine Berman afirma que as traduções literárias em suas formas tradicionais e dominantes representam um ato culturalmente etnocêntrico, isto é, “que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela — o Estrangeiro — como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura” (2007, p. 28). Para ele, esse tipo de tradução busca “fazer com que a esqueçam”, fazer com que “não se ‘sinta’ a tradução”, evitando “*chocar* com ‘estranhamentos’ lexicais e sintáticos”, “oferecer um texto que o autor estrangeiro teria escrito se tivesse escrito na língua da tradução” (BERMAN, 2007, p. 33, grifos do autor).

Para se opor à tradução etnocêntrica dominante, o autor propõe a prática de uma tradução ética, cujo objetivo estaria em “reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro” (BERMAN, 2007, p. 68), em lugar de esconder o elemento estrangeiro da obra traduzida.¹ Para esse propósito defende uma tradução que seja

¹ Posteriormente, Berman ameniza tal afirmação. Em seu último livro, *Pour une critique des traductions: John Donne*, publicado postumamente, Berman (1995) passa a associar a ética do tradutor

fiel à “letra” (*lettre*) do original, o que para ele representa a “essência última e definitiva da tradução”: “Partimos do seguinte axioma: a tradução é tradução-da-letra, do texto enquanto *letra*” (BERMAN, 2007, p. 25, grifo do autor). Assim, para o autor, não teria cabimento uma fidelidade ao sentido ou ao “espírito” da obra.

O objetivo ético do traduzir, por se propor acolher o Estrangeiro na sua corporeidade carnal, só pode estar ligado à letra da obra. [...] Ser ‘fiel’ a um contrato significa respeitar suas cláusulas, não o “espírito” do contrato. Ser fiel ao “espírito” de um texto é uma contradição em si (BERMAN, 2007, p. 70).

A oposição visível em Berman (2007) é muito conhecida também nos termos utilizados pelo teórico norte-americano Lawrence Venuti, que fala em “domesticação” (*domestication*) e “estrangeirização” (*foreignization*) para se referir respectivamente às práticas tradutórias que ocultam as diferenças culturais, adaptando tudo à cultura de chegada, e àquelas que mantêm a estranheza do texto original e da cultura de partida, deixando transparecer a origem estrangeira do texto. Apesar de apontar que toda tradução envolve uma interpretação e, portanto, algum grau de domesticação (2002, p. 17), o autor critica a tradição de valorização da tradução fluente, comum em especial na cultura anglo-americana e, segundo ele, excessivamente domesticadora (1995, 2002).

Venuti (1995) argumenta que o uso do discurso fluente, da ilusão de transparência da tradução, esconde a diferença do texto e da cultura estrangeira, e mascara a violência etnocêntrica da tradução, a inscrição no texto traduzido de uma interpretação parcial baseada em valores da cultura-alvo (p. 20-21). A subversão do discurso fluente, ou seja, a adoção de uma prática de tradução estrangeirizante, poderia, segundo o autor, refrear essa violência, com importantes implicações culturais e geopolíticas.

Quero sugerir que, na medida em que a tradução estrangeirizante busca conter a violência etnocêntrica da tradução, é altamente desejável hoje em dia uma intervenção cultural estratégica na atual conjuntura internacional [...]. A tradução estrangeirizante em inglês pode ser uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, contra o narcisismo e o imperialismo culturais, em favor de relações geopolíticas democráticas (p. 20).²

Também a desvalorização do trabalho do tradutor, para Venuti (1995), é resultado em parte da prática da tradução domesticadora. Para ele, a produção de traduções fluentes envolve recursos discursivos que normalizam a língua de

à transparência deste em relação à forma como realizou sua tradução, e a condenar como antiético apenas o ato de esconder as manipulações realizadas no texto traduzido:

“Não dizer aquilo que se vai fazer — por exemplo adaptar em vez de traduzir — ou fazer algo diferente daquilo que se disse é o que valeu à corporação o adágio italiano *traduttore traditore*, e que o crítico deve denunciar duramente. O tradutor tem *todos os direitos*, desde que jogue limpo” (tradução minha). “*Ne pas dire ce qu’on va faire — par exemple adapter plutôt que traduire — ou faire autre chose que ce qu’on a dit, voilà ce qui a valu à la corporation l’adage italien traduttore traditore, et ce que le critique doit dénoncer durement. Le traducteur a tous les droits dès lors qu’il joue franc jeu*” (BERMAN, 1995, p. 93, grifos do autor).

² *I want to suggest that insofar as foreignizing translation seeks to restrain the ethnocentric violence of translation, it is highly desirable today, a strategic cultural intervention in the current state of world affairs [...]. Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations.*

chegada, provocando a ilusão de que o leitor está diante de um texto “original”, não traduzido.

A ilusão de transparência é um efeito do discurso fluente, do esforço do tradutor para garantir a boa legibilidade aderindo ao uso corrente, mantendo uma sintaxe contínua, fixando um sentido preciso. O que é notável aqui é que esse efeito ilusório oculta as numerosas condições em que a tradução é realizada, a começar pela intervenção crucial do tradutor no texto estrangeiro. Quanto mais fluente a tradução, mais invisível o tradutor [...] (VENUTI, 1995, p. 1).³

Interpretações mais radicais das ideias de um desses autores, ou de ambos,⁴ podem levar a pensar a tradução como dividida nessas duas possibilidades, e até mesmo conduzir a uma oposição radical entre a defesa da estrangeirização como a maneira correta, ideal e perfeita de traduzir, ou à visão dessa como impossível prejudicial à língua de chegada, além de obscura para os leitores finais da tradução, ao passo que a domesticação seria a melhor solução.

Tal polarização acaba em parte sendo alimentada por trechos da obra de Berman (2007) — vide “a tradução é tradução-da-letra, do texto enquanto *letra*” (p. 25) ou “Ser fiel ao ‘espírito’ de um texto é uma contradição em si” (p. 70), já citados —, mas principalmente incentivada pelos escritos de Venuti. Conforme aponta Snell-Hornby (2012), “a linguagem de Venuti é, como demonstram os termos polêmicos empregados por ele, tais como *ethnocentric violence*, *racism*, *narcissism*, *imperialism*, quase sempre provocativa e polarizadora: na sua concepção de domesticação, em oposição à abordagem de Vermeer, a cultura de partida sofre violência no ato da tradução” (p. 193).⁵ Como também observa a autora, Venuti destaca essa oposição, por exemplo, em sua contribuição à *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (BAKER, 1998), na qual, ao redigir o verbete “*Strategies of Translation*”, oferece apenas as alternativas “*Domesticating vs. foreignizing strategies*” (VENUTI, 1998, p. 243).

Entretanto, assim como com dicotomias mais antigas (literal x livre, equivalência formal x dinâmica, etc.), a oposição entre estrangeirização e domesticação também é problemática. Na infinidade de decisões que um tradutor toma na tradução de um texto, e considerando toda a complexidade envolvida em cada situação tradutória, seria impossível ser apenas estrangeirizante ou apenas domesticador. Também como em outras dicotomias, essas não são duas categorias estanques, podendo haver diferentes combinações de ambas na tradução de um

³ *The illusion of transparency is an effect of fluent discourse, of the translator’s effort to insure easy readability by adhering to current usage, maintaining continuous syntax, fixing a precise meaning. What is so remarkable here is that this illusory effect conceals the numerous conditions under which the translation is made, starting with the translator’s crucial intervention in the foreign text. The more fluent the translation, the more invisible the translator [...].*

⁴ Cabe lembrar que embora seja possível estabelecer relações entre as reflexões dos dois autores, Berman e Venuti falam a partir de contextos linguísticos, culturais e tradutórios diferentes (e ambos diferentes do brasileiro): Berman parte do contexto francês, no qual por muito tempo vicejou a prática tradutória das *belles infidèles*, enquanto Venuti trata principalmente do contexto dos EUA, com sua posição de hegemonia econômica e cultural. Ver também, em SNELL-HORNBY (2012), uma crítica ao modo como Venuti interpreta o clássico texto “Sobre os diferentes métodos de tradução” (*Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*), de Friedrich Schleiermacher para dar sustentação a sua oposição entre domesticação e estrangeirização no contexto anglo-americano, desconsiderando em grande parte o contexto germânico distinto a partir do qual escreveu o filósofo alemão.

⁵ Para outras críticas à obra de Venuti, ver Pym (1996).

mesmo texto, além de estratégias híbridas ou soluções que não representam nem uma nem outra posição.⁶

Um projeto real de tradução

Para melhor problematizar essa dicotomia, discuto a seguir exemplos extraídos de um projeto tradutório real: minha tradução do italiano para o português do livro infantojuvenil *O diário de Gian Burrasca*. Meu objetivo é demonstrar como estratégias estrangeirizantes e domesticadoras não se excluem mutuamente, sendo ambas identificáveis num texto traduzido e podendo ser combinadas, de forma a produzir um texto que não esconda sua estrangeiridade e ao mesmo tempo seja de leitura fácil e agradável / leitura agradável e acessível — exigência importante, esta última, no caso relatado, de tradução para um público infantojuvenil. Além disso, apresento exemplos de estratégias tradutórias que não poderiam ser “classificadas” exclusivamente como domesticadoras ou estrangeirizantes, ilustrando como não é de fato possível pensar a tradução em termos de uma oposição binária entre categorias estanques.

Il giornalino di Gian Burrasca, do escritor italiano Luigi Bertelli, conhecido pelo pseudônimo Vamba, é um clássico infantojuvenil do início do século XX. Lido na infância por várias gerações de italianos, o livro recebeu diversas adaptações para teatro, cinema, televisão (a mais conhecida transmitida pela RAI nos anos 1960, com Rita Pavone no papel do menino protagonista), já tendo sido traduzido para outras línguas, como o francês e o espanhol.

Ao traduzi-lo para o português brasileiro, um século depois de sua publicação em livro na Itália, segui um projeto de tradução cujas linhas gerais expressei no prefácio dirigido aos leitores infantojuvenis:

Ao realizar esse trabalho, quis dar ao leitor a oportunidade de se divertir (...). Por isso, procurei não adaptar demais o livro: não quis criar um Giannino moderno, não trouxe a história para o Rio de Janeiro ou São Paulo, não transformei o Gian Burrasca em João Borrasca ou Joãozinho Vendaval. Considerei como minha tarefa não transformar o texto italiano num texto brasileiro, mas tornar o texto italiano acessível para os leitores brasileiros como você. (FRANCISCO, 2012, p. 8)

Alguém poderia apressar-se em classificar, portanto, minha tradução como estrangeirizadora. Entretanto, juntamente com a intenção de não apagar a origem italiana e antiga da obra, havia a preocupação de não “assustar as crianças”, ou seja, de conseguir que o texto traduzido permitisse uma leitura agradável e divertida pelos jovens leitores brasileiros. Assim, como também manifestei no mesmo prefácio,

não quis traduzir utilizando uma linguagem artificialmente envelhecida, pois queria que a tradução soasse natural para o público de hoje, mais ou menos como imagino que o texto devia soar para o público da sua época. É claro que evitei usar gírias muito atuais para não ficar esquisito, mas de modo geral deixei

⁶ Em meu trabalho de mestrado (FRANCISCO, 2010), procurei mostrar como esse tipo de classificação entre formas supostamente opostas de traduzir, em especial a eleição de uma maneira como correta em oposição a outra a evitar, acaba por limitar a visão das estratégias de que o tradutor pode lançar mão para traduzir provérbios e expressões idiomáticas.

que o contexto antigo se explicitasse de outras formas e, em relação à linguagem, tentei mantê-la leve e coloquial (*id.*, p. 9)

Essa que poderia parecer uma contradição expressa no prefácio representa, na verdade, o equilíbrio perseguido ao longo do trabalho de tradução, por meio de estratégias ora mais “estrangeirizantes”, ora mais “domesticadoras”, ora uma combinação de ambas ou algo que foge totalmente a essa classificação. Alguns exemplos bastante emblemáticos nesse sentido são as soluções que utilizei para traduzir provérbios e expressões idiomáticas. Em algumas ocorrências, segui a estratégia consagrada (“domesticadora”?) de buscar um correspondente idiomático no português:

Mi accorsi una volta di più che il mio babbo aveva ragione a dir coma del servizio ferroviario [...] (BERTELLI, 2007, p. 27)

Percebi mais uma vez que meu pai tinha razão em *falar o diabo* do serviço ferroviário [...] (BERTELLI, 2012, p. 35)

Em outros pontos, no entanto, encontrei contextos propícios para traduzir mais literalmente uma expressão original mais saborosa, como no trecho a seguir, em que tinha alternativas como “fazendo que não era comigo”, “fazendo que não escutava”, “me fazendo de surdo”, “me fazendo de desentendido”, entre outras:

— *Ehi, dico! Rispondete; e ditemi dove siete stato e che avete fatto in quell'ora!*

—

Io a questo punto fissai lo sguardo sulla carta dell'America appesa alla parete a destra della scrivania e... seguitai a far l'indiano. (BERTELLI, 2007, p. 186-187)

— *Ei, estou falando! Responda! E diga onde esteve e o que fez naquela uma hora!*

Eu nessa altura fixei o olhar no mapa da América pendurado na parede à direita da escrivaninha e... continuei me fazendo de índio. (BERTELLI, 2012, p. 215)

A intenção nesse caso foi permitir aos leitores o contato com a divertida metáfora consagrada do italiano, em vez de reiterar o modo de dizer brasileiro, já familiar para eles. Neste outro trecho, encontrei uma solução nessa mesma direção e que, além da metáfora original, preserva também recursos formais como rima, métrica, ritmo, que não estariam presentes em um correspondente como “Minha casa é o meu reino”:

Eccomi a casa mia, nella mia cameretta, che ho rivisto tanto volentieri!... È proprio vero quel che dice il proverbio:

Casa mia, casa mia,

Per piccina che tu sia,

Tu mi sembri una badia. (BERTELLI, 2007, p. 40)

Aqui estou, na minha casa, no meu quartinho, que fiquei tão feliz de rever! É mesmo verdade o que diz o provérbio *italiano*:

Casa minha, casa minha,

mesmo tão pequenininha,

para mim é uma abadia. (BERTELLI, 2012, p. 48)

Aqui, para ficar mais clara ao leitor brasileiro a origem do provérbio citado pelo personagem, explicitarei essa informação na tradução, utilizando “o provérbio italiano” onde o original dizia apenas “*il proverbio*”.

Entre as estratégias para lembrar o leitor da origem estrangeira do texto, talvez a mais ousada — tanto que temia que não sobrevivesse às revisões pelas quais o texto passaria antes de ser publicado — tenha sido a ideia de manter alguns vocábulos e expressões em italiano. Ainda mais que não o fiz com termos “intraduzíveis” ou sem correspondentes no português, mas com palavras e expressões comuns, que poderiam tranquilamente ser traduzidas por correspondentes. Essa estratégia a princípio estrangeirizante, porém, foi acompanhada do cuidado de usar expressões italianas conhecidas no Brasil ou cujo significado pudesse ser facilmente inferido do contexto, para que não representassem um obstáculo ou um incômodo na leitura. Alguns exemplos:

[...] e o Maralli, branco como uma folha de papel, sacudia a barbona e saltava pela sala repetindo:

— *Mamma mia*, um terremoto! *Mamma mia*, um terremoto! (BERTELLI, 2012, p. 100)

— [...] Enquanto o motorista estiver lá dentro, você sobe no automóvel e eu te levo pra dar uma volta ao redor da praça, pra você ver se eu consigo ou não. *Va bene?*

— *Benissimo!* (*id.*, p. 108)

— *Canaglia*, eu tinha te proibido de vir aqui! (*id.*, p. 128)

O senhor Venanzio é enfadonho, concordo, mas tem lá suas qualidades. Comigo, por exemplo, é cheio de gentilezas e diz sempre que sou “*un ragazzo originale*” e que se diverte um monte me ouvindo falar. (*id.*, p. 148)

Vê-se que em nenhum desses exemplos a palavra ou expressão é tão estranha que atrapalhe a compreensão do texto e, apesar de ser fácil encontrar correspondentes em português para todas elas, sua presença relembra ao leitor o local e a cultura de origem da obra e, por consequência, do fato de estar lendo uma tradução.

Contudo, é nas estratégias utilizadas em relação aos nomes dos personagens que fica mais evidente o quanto “estrangeirização” e “domesticação”, ou outras oposições binárias, se concebidas como categorias opostas e estanques, não são suficientes para abarcar toda a diversidade de soluções de que o tradutor pode lançar mão para resolver diferentes dificuldades tradutórias. De maneira geral, a grafia italiana dos nomes foi mantida: Giannino Stoppani, Virginia, Maurizio, Venanzio, Geltrude, Stanislao, etc. O apelido do personagem narrador, conforme mencionado no prefácio, também foi conservado, mas acompanhado de uma explicação inserida de forma sutil no texto para facilitar a compreensão:

Ora non diranno più che son la rovina della casa! Non mi chiameranno più Gian Burrasca di soprannome, che mi fa tanta rabbia! (BERTELLI, 2007, p. 13)

Agora não vão mais dizer que sou a ruína da casa! Não vão mais me chamar de *Gian Burrasca!*” *Burrasca* quer dizer “tempestade”, e esse apelido me irrita muito! (BERTELLI, 2012, p. 15)

Isso não impediu, no entanto, que um gato chamado *Mascherino* no original recebesse o nome de Mascarado na tradução, ou que alguns casos específicos tivessem um tratamento especial. Um deles é o caso do personagem Mario Betti, que ganhou o apelido de *Mi'lordo* dos colegas da escola por se vestir bem, “à inglesa”, mas estar sempre com o pescoço e as orelhas sujas — um jogo com as palavras *milord* e *lordo*, respectivamente “milorde” e “sujo, imundo, emporcalhado” em italiano (conforme BENEDETTI, 2004). Nesse caso a solução foi a recriação em português de um trocadilho com palavras diferentes, mas dentro dos mesmos campos semânticos:

[...] *questo ragazzo che è Mario Betti, ma noi si chiama il Mi'lordo perché va vestito tutto per l'appunto e all'inglese, mentre invece ha sempre il collo e gli orecchi così sudici, che pare proprio uno spazzaturaio travestito da signore.* (BERTELLI, 2007, p. 66)

O nome dele é Mario Betti, mas a gente chama ele⁷ de *Nojentleman*, porque anda todo bem vestido, à inglesa, mas está sempre com o pescoço e as orelhas tão sujos que parece até um varredor de rua vestido de aristocrata. (BERTELLI, 2012, p. 75)

Por fim, especialmente ilustrativo da posição que defendo aqui é o caso do personagem Clodoveo Tyrynnanzy, que tinha trocado todos os *is* do seu sobrenome Tirinnanzi por ípsilons, pois era representante de grandes empresas inglesas e achava vantajoso apresentar-se aos clientes com três ípsilons. A graça e a ironia do trecho é que Tirinnanzi é um sobrenome que soa muito italiano, com ou sem ípsilons, tornando cômico o objetivo pedante do personagem.

Che tipo buffo è il signor Clodoveo!
Prima di tutto vuol far sempre il forestiero, e s'è cambiato gli i del suo cognome, che sarebbe Tirinnanzi, in tanti ipsilonni facendone un Tyrynnanzy, perché dice che nel suo commercio, rappresentando le principali fabbriche d'inchiestri dell'Inghilterra, gli giova presentarsi ai clienti con tre ipsilonni... (BERTELLI, 2007, p. 98)

Uma solução totalmente “estrangeirizante” nesse caso seria manter o sobrenome como no original, enquanto uma “domesticadora” incluiria possibilidades de adaptação como “Sylva”, “Pereyra”, “Olyveyra”, Pereyra da Sylva, entre outras. No entanto, nenhuma dessas soluções atenderia ao projeto de tradução que estava sendo seguido: a primeira tiraria quase todo o efeito cômico do trecho, já que poucos leitores perceberiam de pronto que Tirinnanzi é um sobrenome com “cara” de italiano; já as adaptações da segunda contrastariam com o contexto em que a história se ambienta, prejudicando a verossimilhança do texto (afinal, o que estaria fazendo um Silva ou Oliveira na Itália naquela época, quando a migração era justamente na direção contrária?).

⁷ Em relação ao “a gente chama ele” em vez de “nós o chamamos”, conforme também expliquei no prefácio à tradução, como se trata de um diário supostamente escrito por um menino de nove anos, “algumas vezes me permiti usar construções que são comuns no português coloquial, mas não estão corretas de acordo com a língua padrão. Fiz isso sempre que a forma correta gramaticalmente soasse muito formal para ter sido escrita por um Giannino, e agradeço à Editora por ter aceitado e até apoiado essas minhas ‘ousadias’” (FRANCISCO, 2012, p. 9).

A solução que finalmente encontrei foi utilizar um sobrenome comum no Brasil, mas facilmente reconhecível como de origem italiana, graças à imigração de italianos entre os séculos XIX e XX. Assim, Tirinnanzi/Tyrynnanzy acabou se transformando em Vicentini/Vycentyny na tradução, uma saída que não tenho a intenção nem a necessidade de classificar como domesticadora ou estrangeirizante:

Que tipo gozado é o senhor Clodoveo!

Em primeiro lugar, quer bancar sempre o estrangeiro, e trocou os *is* do próprio sobrenome, que seria Vicentini, por um monte de ípsilon, pra ficar *Vycentyny*, porque diz que no trabalho dele, como representante das principais fábricas de tinta da Inglaterra, é vantajoso se apresentar aos clientes com três ípsilons... (BERTELLI, 2012, p. 112)

Portanto, como busquei ilustrar com os exemplos acima, cada situação tradutória envolve muitas variáveis a considerar e não é possível entender a tradução apenas em termos de categorias opostas e excludentes. Não quero dizer com isso que as reflexões dos autores citados não sejam importantes e não forneçam contribuições para analisar o fenômeno da tradução. Como muitas outras, elas ajudam a jogar alguma luz sobre ele, mas não são perfeitas nem suficientes para dar conta de toda a sua complexidade.

O importante, ao meu ver, é não utilizar essas distinções como caixas nas quais se possam separar as estratégias utilizadas pelos tradutores, e muito menos como critérios para julgamentos / juízos generalizadores em termos de certo x errado, sem considerar as especificidades de cada situação tradutória, que podem exigir a utilização de soluções ora mais identificáveis com uma ou outra, ora com ambas ou com nenhuma delas. Essa utilização simplista do relevante arcabouço teórico dos autores mencionados é que pouco contribui para a compreensão do fazer tradutório e seus desdobramentos.

Reginaldo Francisco

franciscotradutor@gmail.com

Mestre em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina

Tradutor

Referências bibliográficas

- BAKER, Mona (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge, 1998.
- BENEDETTI, Ivone C. (coord.). *Dicionário Martins Fontes Italiano-Português*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris, Gallimard, 1995.
- . *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET-UFSC, 2007.
- BERTELLI, Luigi. *Il giornalino di Gian Burrasca*. Firenze/Milano: Giunti Junior, 2007.
- . *O diário de Gian Burrasca*. Trad. Reginaldo Francisco. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- FRANCISCO, Reginaldo. *Reis caolhos e cajadadas em coelhos: a questão da tradução de provérbios e expressões idiomáticas*. 2010. 232 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Reginaldo_Francisco_-_Dissertacao.pdf>. Acesso em: 18 mar 2015.
- . Prefácio. In: BERTELLI, Luigi. *O diário de Gian Burrasca*. Trad. Reginaldo Francisco. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- PYM, Anthony. Venuti's Visibility. *Target*, v. 8, n. 1, p. 165-177, 1996. Disponível em: <http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/1996_Venuti.pdf>. Acesso em: 18 mar 2015.
- SNELL-HORNBY, Mary. A “estrangeirização” de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução?. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 15, n. 19, jul. 2012, p. 185-212. Disponível em <www.revistas.usp.br/pg/article/view/39802>. Acesso em: 18 mar 2015.
- VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London/New York: Routledge, 1995.
- . Strategies of Translation. In: BAKER, Mona (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: : Routledge, 1998, p. 240-244.
- . *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução Laureano Pelegrini, et. al. Bauru, SP: EDUSC, 2002.